

Artigo

A PRODUÇÃO MULTIMODAL EM SALA DE AULA A PARTIR DE CENAS DA ENUNCIÇÃO

MULTIMODAL PRODUCTION IN THE CLASSROOM FROM ENUNCIATION SCENES

Maria Angélica Rosa Fagundes Laranjeira Lessa¹ 0000-0002-6413-576X

Sidney Fernandes dos Santos² 0000-0001-5932-4948

¹Secretaria Municipal de Educação, Santa Maria da Vitória, Brasil -
angflagar@gmail.com

²Universidade do Estado da Bahia, Caetitê, Brasil - sidnayfernandes@hotmail.com

Resumo:

A abordagem das cenas da enunciação torna-se um campo fecundo para o desenvolvimento dos estudos acerca da produção dos gêneros discursivos multimodais e suas novas configurações nas práticas sociais em que o sujeito-aluno(a) está envolvido(a), sobretudo, na atualidade, em face à emergência da tecnologia e ao intenso uso da Internet (e da Web) como espaços interativos de práticas discursivas. Neste sentido, no presente artigo, buscamos interpretar, por meio da noção cenas da enunciação (Maingueneau, 2015), como o(a) aluno(a)-autor(a) constrói sentidos acerca do conteúdo temático que discursiviza. Fundamentadas epistemologicamente na Análise do Discurso, em especial na questão dos gêneros discursivos, na perspectiva bakhtiniana e ampliada para a multimodalidade na tríade conceitual das cenas da enunciação: cena englobante; cena genérica e cenografia, proposta por Maingueneau (2015); e em Orlandi (1996) no tocante à relação linguagem e sociedade histórica. O corpus da pesquisa é composto por cinco textos multimodais produzidos por aluno(a) nas aulas de Língua Portuguesa do 9º Ano do Ensino Fundamental – Anos Finais. A pesquisa teve como lócus a Escola Municipal Senador Josaphat Marinho no município de Santa Maria da Vitória-BA. Como gesto conclusivo, constatamos que as cenas da enunciação envolvem, também, a tomada de posição pelo(a) aluno(a)-autor(a) e o domínio dos mecanismos textuais e discursivos das materialidades produzidas na escola, constituindo-se como uma estratégia pedagógica para o ensino do eixo produção de textos, visto que proporciona aos estudantes a produção textual a partir de suas vivências e dos contextos discursivos em que estão imersos, ou seja, a partir de situações concretas de uso das diferentes linguagens.

Palavras-chave: gêneros discursivos multimodais; cenas da enunciação; produção de textos.

Abstract:

The approach to enunciation scenes becomes a fruitful field for the development of studies on the production of multimodal discursive genres and their new configurations in social practices in which the subject-student is involved, especially, nowadays, given the emergence of technology and the intense use of the Internet (and the Web) as interactive spaces for discursive practices. In this sense, in this article, we seek to interpret, through the notion of scenes of enunciation (Maingueneau, 2015), how the student-author constructs meanings about the thematic content he discusses. Epistemologically based on Discourse Analysis, especially on the issue of discursive genres, from the Bakhtinian perspective and expanded to multimodality in the conceptual triad of enunciation scenes: encompassing scene; generic scene and scenography, proposed by Maingueneau (2015); and in Orlandi (1996) regarding the relationship between language and historical society. The research corpus is composed of five multimodal texts produced by a student in Portuguese Language classes in the 9th Year of Elementary School – Final Years. The research had as its locus the Senador Josaphat Marinho school in the district of Santa Maria da Vitória-BA. As a conclusive gesture, we found out that the enunciation scenes also involve the position taking by the student-author and mastering of the textual and discursive mechanisms of the materialities produced at school, constituting a pedagogical strategy for teaching the text production axis, as it provides students with textual production based on their experiences and from the discursive contexts in which they are immersed, that is, based on concrete situations of using different languages.

Keywords: multimodal discursive genres; scenes of enunciation; text production.

Introdução

Nosso objetivo primordial neste artigo é analisar como o(a) aluno(a)-autor(a) mobiliza as cenas da enunciação para construir sentidos acerca do conteúdo temático que discursiviza. Ancoradas na Análise do Discurso (AD) de tradição francesa, nosso estudo fundamenta-se epistemologicamente na ideia de gêneros discursivos a partir da noção das cenas de enunciação proposta por Dominique Maingueneau.

Compreendemos que, face à emergência da tecnologia e do intenso uso da Internet (e da *Web*) como espaços interativos de práticas discursivas, os gêneros multimodais têm ganhado espaço em todas as áreas e modificaram profundamente as modalidades discursivas.

Nesse sentido, julgamos pertinente pensar a produção de gêneros discursivos multimodais, em sala de aula, a partir das cenas da enunciação, ainda que esse não seja o objetivo primeiro de Dominique Maingueneau (2015) para essa teoria. Assim, em uma visada discursiva mais ampla, buscamos demonstrar que um gênero discursivo, além de

se constituir a partir de um conteúdo temático, estilo verbal e estrutura composicional, como proposto por Bakhtin 2016 (1895-1975], p. 12), é também produzido e, sobretudo legitimado, por diferentes relações intercenográficas.

Diante disso, asseveramos que o trabalho com a produção multimodal requer conhecimentos acerca da interpretação da imagem, dentre os quais estão os das cenas da enunciação e de policromia, tendo como premissa evitar algumas noções como, “situação de enunciação”, que se volta para a ordem da linguística, ou ainda “situação de comunicação”, a qual pode ser direcionada para uma abordagem unicamente sociológica, em que atividade discursiva é descrita de seu exterior ou apenas horizontalmente.

Então, na busca por respostas de como o(a) aluno(a) autor(a) mobiliza as cenas da enunciação para produzir sentidos na produção textual multimodal, enveredamo-nos pelos estudos das cenas da enunciação, dos gêneros discursivos e da multimodalidade, conseqüentemente, das novas textualidades, esses sempre interrelacionados ao contexto escolar, observando as orientações e normatizações para o ensino da produção de textos na disciplina de língua portuguesa, abordagens teóricas essas que nos proporcionaram a análise de nosso *corpus*. Segundo Courtine (2009[1981], p. 54), *corpus* é “uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa forma[...] hipóteses emitidas na definição dos objetivos de pesquisa”. Dessa ótica, o *corpus* não é dado *a priori*, mas construído em razão da análise que se pretende realizar.

Nosso *corpus* é composto por quatro textos multimodais produzidos por aluno(a) nas aulas de Língua Portuguesa do 9º Ano do Ensino Fundamental – Anos Finais. A pesquisa teve como *locus* a Escola Municipal Senador Josaphat Marinho no município de Santa Maria da Vitória-BA. Consignamos que a motivação para a produção dessas textualidades, teve como potencializador a organização de atividades didático-pedagógicas em uma Sequência Didática intitulada: *Autoria em gêneros multimodais: uma abordagem discursiva da pandemia da Covid-19*, posto que esse acontecimento histórico-discursivo provocou muitos debates entre o(a) discentes.

O estudo aponta em sua abordagem preliminar que ao produzir discursividades verbo-visuais o sujeito-autor(a) aciona a tríade: cenografia, cena genérica e cena englobante para significar e, essa asserção se alinha à proposta da Base Nacional Comum Curricular (2017) para o eixo produção de textos no Ensino Fundamental – Anos Finais.

Textualidades multimodais em Análise do Discurso

As relações sociais contemporâneas, marcadas, cada vez mais, pelo uso dos aparatos tecnológicos, culminam na exigência de uma nova forma de se produzir o discurso para que haja interação. Nesse sentido, hoje, é quase impossível pensarmos meios discursivos essencialmente verbais, pois, além das palavras, significamos: gestos, imagens, sons, diagramações, etc. Estamos o tempo todo diante de uma multiplicidade de linguagens materializadas em um só texto que se complementam e articulam para dizer, para expressar ideias e sentimentos. Nesse contexto, Maingueneau (2015) afirma que a multimodalidade afeta a própria noção de texto que, às vezes, é tratado como “iconotexto”, nomeando assim, as produções semióticas em que fala e imagem dissociam-se para significar.

Na AD, partimos da interpretação de cada linguagem, a qual, por meio do ideológico, desvela os sentidos a partir da referência em si. Pêcheux (2014a, p. 83) explicita que o gesto interpretativo supõe pensar o referente como um “objeto imaginário (a saber, do ponto de vista do sujeito) e não da realidade física”. Nesse contexto, dentro do processo discursivo, o referente pode ser interpretado de diferentes maneiras, dado que as formações imaginárias e os deslizamentos de sentidos são operados pelos sujeitos a partir de uma posição dada.

Nessa direção, Maingueneau (2015), ao analisar a multimodalidade como uma nova textualidade, aponta que os enunciados escritos, hoje, comportam elementos icônicos, interpenetrando profundamente o componente visual e o verbal. Para o autor, a dimensão icônica do texto se apresenta “em dois níveis: de um lado, os enunciados verbais se incrustam nas imagens ou as imagens acompanham os textos; de outro: o próprio conjunto que as imagens e os enunciados verbais formam constitui também uma forma trabalhada em si mesma” (Maingueneau, 2015, p. 160). Explicita-se que somente a dimensão icônica não pode ser considerada para a interpretação das textualidades multimodais, sendo necessário considerar os mecanismos de interpretação de cada linguagem e seus pontos de intersecção.

Ainda, de acordo com Maingueneau (2015, p. 161), “[a] multimodalidade é frequentemente acompanhada pela multiplicação das fontes [...]”, essa multiplicação nos textos multimodais produzidos pelo sujeito-aluno se dá na imbricação de linguagens, tais como: o texto imagético, o texto verbal, o som, as cores, a textura, etc. Essas fontes são

frutos das escolhas feitas pelo sujeito-autor para interagir com seu sujeito-espectador-leitor.

Por essa via, as textualidades multimodais, na perspectiva da AD e para esta pesquisa, referenciam-se na teoria pecheutiana que concebe o sujeito como ideológico, discursivo que se materializa/constitui na linguagem, mas sem ser dono de seu dizer, já que pelo assujeitamento ele é conduzido sem se dar conta, tendo a impressão de exercer a sua livre vontade ao ocupar o seu lugar na textualidade discursiva.

Neste sentido, o ensino-aprendizagem da produção textual sob a égide da multimodalidade deve ter um direcionamento mais prosaico, garantindo ao sujeito-aluno o conhecimento dos elementos que compõem cada linguagem, o que lhe possibilitará tanto uma leitura e compreensão, como a produção dessas textualidades, considerando-as de modo natural e recorrente nas/das interações languageiras contemporâneas e, não somente como um tópico de conteúdos alheios às vivências do sujeito-aluno. Deste modo, ao conceber o ensino-aprendizagem das materialidades multimodais na perspectiva da AD, a escola converge com a proposição da BNCC (2017) sobre a linguagem, que prevê:

As linguagens, antes articuladas, passam a ter status próprios de objetos de conhecimento escolar. O importante, assim, é que os estudantes se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem perder a visão do todo no qual elas estão inseridas. Mais do que isso, é relevante que compreendam que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação (Brasil, 2017, p. 63).

Assim, partimos da concepção de que as textualidades multimodais, na perspectiva da AD, conferem às linguagens seu devido *status* dentro do universo escolar, configurando-se como linguagem multimodal, cuja materialidade se dá na interlocução entre forma e conteúdo, em que não se separa a sua exterioridade constitutiva – linguagem e sociedade histórica, o que dialoga com Orlandi (1996, p. 25) ao afirmar que AD não nega a “[...] a existência desse outro objeto, o discurso, e que coloca como base a noção de *materialidade*, seja linguística seja histórica, fazendo aparecer uma outra noção de ideologia [...]”. Logo, noção de discurso torna possível a interpretação, em que não se separa linguagem e sociedade histórica.

Essa posição encaminha-nos a consignar a multimodalidade como decorrência de uma produção (simbólica, significativa), constituída de modo ímpar de materialidades textuais inerentes às práticas contemporâneas de comunicação. Nesse contexto, trabalhar

com a produção de textos multimodais na escola é possibilitar ao sujeito-aluno(a) a aquisição da competência 3 (três), específica da área de linguagens, que pressupõe:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação (Brasil, 2017, p. 65).

Nota-se, assim, que o texto multimodal, por agregar as diferentes linguagens, possibilita ao sujeito-aluno(a) essas experiências discursivas, conferindo-lhe ainda o *status* de autor, posto que, para Orlandi (1996, p. 69), o autor é aquele que atribui ao corriqueiro uma unidade no dizer, essa é sempre afetada pela responsabilidade social. Nesse sentido, o aluno(a)-autor(a)¹ ao produzir seu texto multimodal, torna-se responsável pelo dizer, tendo a ilusão de estar na origem deste, estabelecendo assim, uma relação entre sujeito-autor, discurso-texto e entre dispersão-unidade, etc.

Desta forma, os gêneros se estruturam pelas hierarquias dos planos de enunciação, a saber: cena englobante, cena genérica e cenografia. Ao se tratar da construção de sentidos das materialidades discursivas multimodais é necessário mobilizarmos os conceitos da tríade que compõe a cena de enunciação, já que os gêneros discursivos multimodais englobam duas ou mais linguagens. De acordo com Maingueneau (2015, p. 118), a cena englobante é que define o tipo de discurso a ser mobilizado para compor o gênero, “[...] que resulta do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros do discurso.” Assim, a cena englobante nos remete a um tipo de discurso, a saber: político, publicitário, religioso, científico, etc.

Após evocarmos a cena englobante, como usuários do discurso, concebemos que a nossa realidade palpável e imediata, são os gêneros do discurso, para os quais as cenas genéricas laboram como normas que agenciam expectativas. Para Maingueneau (2015, p. 120-122), a cada gênero são associadas: uma ou mais finalidades; papéis para os parceiros; um lugar apropriado para seu sucesso; um modo de inscrição na temporalidade; um suporte; uma composição, um uso específico de recursos linguísticos. Nota-se, assim,

¹ A pesquisadora Tauveron (1996, p. 191) cunhou a expressão aluno-autor e a conceitua como a possibilidade de estabelecer nas séries iniciais as condições para desenvolver nos alunos a confiança de que podem ser autores e de que podem escrever textos literários. Em nosso trabalho, esse termo está relacionado com a tomada de posição assumida pelo sujeito-aluno ao produzir as mais diferentes materialidades discursivas.

que a cena genérica aciona elementos composicionais da materialidade do gênero, funcionando como um guarda-chuva que abriga todas as características e estrutura do gênero.

Deste modo, para dar o arremate final à tecitura textual, Maingueneau (2015, p. 122) pontua que a cena genérica não é suficiente para conferir uma singularidade ao texto, posto que “Enunciar não é apenas ativar as normas de uma instituição de fala prévia; é construir sobre essa base uma encenação singular da enunciação: uma *cenografia*.” Assim, a cenografia se configura como os traços autorais que caracteriza uma forma individual de o enunciador organizar a materialidade textual a partir da situação que pretende enunciar, a fim de persuadir seu destinatário, o seu sujeito-interlocutor.

Como o sujeito-aluno(a), constantemente, produz gêneros multimodais para postar na *Web*, é necessário para esta pesquisa evocarmos o estudo de Maingueneau (2015) acerca da textualidade, essa se constitui a partir dos tipos fundamentais de comunicação (oral, impressa e digital). Segundo Maingueneau (2015, p. 165), a textualidade se classifica em: imersa, própria da oralidade conversacional; planejada, inerente aos gêneros instituídos (gêneros rotineiros e gêneros autorais) e navegante, a da *Web*, marcada pelos gêneros multimodais.

Diante disso, destacamos que a análise das materialidades multimodais pelo viés da AD nos possibilita interpretar os sentidos produzidos para a construção das textualidades, respeitando os mecanismos de cada linguagem para se compreender as materialidades autorais por meio das cenas de enunciação.

As cenas da enunciação na construção de sentidos: gestos interpretativos

Nesta etapa, analisamos como o(a) aluno(a)-autor(a) mobiliza as cenas da enunciação para construir sentidos acerca do conteúdo temático que discursiviza. Para tanto, realizamos gestos interpretativos sobre os gêneros discursivos multimodais produzidos pelo aluno(a)-autor(a). Nesse sentido, como analista do discurso, olhar para o texto é remetê-lo à historicidade que lhe é constitutiva, observando detalhadamente as práticas discursivas de diferentes naturezas e partindo do pressuposto de que a constituição de sujeito e sentido se relacionam.

Assim, para analisarmos as cenas da enunciação materializadas nos gêneros discursivos multimodais produzidos pelos escolares da turma pesquisada, é salutar

destacar que vamos empreender um cuidadoso trabalho pelas tramas discursivas dos enunciados e do texto imagético, para tanto, realizaremos o batimento constante entre a descrição, interpretação e teoria.

Como nosso objeto de estudo envolve o imagético, faz-se necessário destacar sobre a produção de sentidos acerca dessa materialidade. Dessa forma, para a análise interpretativa da discursividade visual produzida pelo(a) aluno(a)-autor(a), fundamentamo-nos no conceito de policromia de Souza (2001), pois este dá à imagem o seu tratamento enquanto linguagem e assegura-lhe mecanismos interpretativos próprios do texto não-verbal. De acordo com Souza (2001, p. 80):

O conceito de policromia recobre o jogo das imagens e cores, no caso, elementos constitutivos da linguagem não-verbal, permitindo, assim, caminhar na análise do discurso do não-verbal. O jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc nos remete, à semelhança das vozes do texto, a diferentes perspectivas instauradas pelo *eu* na e pela imagem, o que favorece não só a percepção dos movimentos no plano do sinestésico, bem como a apreensão de diferentes sentidos no plano do discursivo-ideológico, quando se tem a possibilidade de se interpretar uma imagem através de outra.

Consoante à noção que se coloca para a interpretação dos textos não-verbais, leva em consideração aspectos dessa materialidade discursiva, posto que trabalha com mecanismos inerentes a elas, colocando em evidência tanto aspectos de sua composição como do *eu* que se inscreve na e pela imagem e, ainda, permite a apreensão dos sentidos subjacentes ao plano discursivo ideológico.

Dessa forma, o (a) aluno(a)-autor(a) se inscreve na e pela imagem para enunciar inscrito(a) em uma formação discursiva (FD). Pêcheux (2014b, p. 147) conceituou a FD, como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir, de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que *pode e deve* ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.)”. Assim, os dizeres do sujeito-aluno(a) materializados em suas produções são delimitados pela formação discursiva com a qual se identifica.

Nesse sentido, compreendemos que a imagem possui eficácia simbólica. Segundo Pêcheux (2007, p. 55) a imagem encontra a análise de discurso não mais pelo viés do legível e da transparência, mas na perspectiva do discurso que a atravessa e a constitui, assim, a imagem é concebida como opaca.

Destacamos que para identificar, o(a)s aluno(a)s-autore(a)s, utilizamos as iniciais de seus nomes. E iniciamos nossa análise, apresentando como Figura 1, uma charge produzida pela aluna-autora ES:

Figura 1 - Charge da aluna-autora ES



Fonte: Acervo da pesquisadora (2021)

Por meio dessa charge, a aluna-autora constrói sentidos sobre o acontecimento histórico-discursivo “pandemia da Covid-19” e sobre como esse é discursivizado no Brasil, particularmente em abril de 2021, quando o texto foi produzido.

Como a curta temporalidade é uma característica específica da charge, a aluna-autora produz sentidos sobre eventos fatuais nos quais o Presidente da República “nega” a gravidade da pandemia e, de outro lado, sobre dizeres pautados no saber científico da área da medicina que apontam para a gravidade da doença e para a necessidade de conter sua disseminação.

Notamos também que a cena englobante (discurso humorístico)² e a genérica (charge) juntas apontam [...] o espaço estável no interior do qual o enunciado ganha sentidos, isto é, o espaço do tipo e do gênero do discurso” (Maingueneau, 2008, p. 116).

O caráter irônico, próprio do gênero charge, condensa em si a crítica que a enunciativa produz. No primeiro quadrinho, constrói-se a ironia no imbricamento do texto verbal “Está tudo bem pessoal.” com o não-verbal. A expressão facial do presidente da República, Jair Bolsonaro, ao fazer um comunicado oficial televisivo, é mostrada com um sorriso no canto da boca, uma sugestão de sarcasmo em relação ao que enuncia.

² Há autores que classificam o gênero charge no interior do discurso jornalístico (cena englobante). Para esta pesquisa, classificações desta natureza não é o aspecto mais importante, mas sim desenvolver análises sobre os modos como os sentidos são formulados e constituídos, com ênfase no conceito autoria.

A aluna-autora recorre à antítese para produzir o efeito de fechamento do texto. Há contraste entre a afirmativa do presidente “Está tudo bem pessoal.” e a do médico, no segundo quadrinho, “Sinto muito, mas você está muito mal.”. Nesse jogo de palavras, o uso dos advérbios de sentidos contrários “bem” e “mal” é um recurso textual que materializa dois discursos opostos que circulam na sociedade brasileira desde o início da pandemia, decretada em 11 de março de 2020.

Assim, de acordo com Orlandi (1998), a aluna-autora pratica o controle dos mecanismos com os quais lida ao escrever e nós acrescentamos: ao empregar também a linguagem verbo-imagética, a enunciativa ES controla os domínios discursivos e assume a instância da representação que a constitui como aluna-autora e os domínios dos mecanismos textuais³ que marcam a sua prática autoral.

Os sentidos que a aluna-autora produz filiam-se a uma FD de não identificação com os dizeres do presidente da república, pois ela aciona, como um efeito de fecho na construção dos sentidos do texto, o enunciado “Sinto muito, mas você está muito mal” atribuído ao médico, que, nesse contexto, representa a voz da ciência, FD que se opõe à FD de negacionismo da gravidade da pandemia da Covid-19 com a qual o sujeito-presidente se identifica.

Recorremos também ao conceito cenas da enunciação, no interior da teoria discursiva de Dominique Maingueneau, para sustentar nossa análise. A cenografia mobilizada para a construção da charge pode ser compreendida como exógena, que, segundo Maingueneau (2015), resulta da importação de outra cena genérica que se sobrepõe à cena efetiva, a exemplo dos gêneros jornalísticos. Neste sentido, observamos que a cenografia na charge é constituída pela interrelação de duas cenas genéricas de gêneros rotineiros. No primeiro quadrinho, de um programa familiar (assistir TV); no segundo quadrinho, a de uma consulta médica. Essas duas cenas genéricas estão imbricadas e, nessa abordagem, constituem uma cenografia de um “fórum de discussão”,

³ Na análise dos domínios dos mecanismos textuais, em todas as produções dos aluno(a)-autore(a)s, observamos que esses precisam ser continuamente trabalhados nas aulas de língua portuguesa, dado que, mesmo recebendo as orientações para a revisão ortográfica, os estudantes enviaram a última versão de seus textos com alguns desvios da norma padrão. Destacamos que essas orientações foram encaminhadas pelo *WhatsApp*, em razão do período padêmico, que não nos permitiu encontros presenciais com o(a)s discentes. Assim, inferimos que, se essas observações fossem feitas presencialmente, possivelmente, teríamos um índice menor de incidências. No entanto, enfatizamos que é preciso considerar que se tratam de produções de aluno(a)s do 9º Ano do Ensino Fundamental e que esses têm pela frente alguns anos de escolaridade para darem sequência ao aprofundamento desses mecanismo.

no qual os sujeitos discursivos devem se posicionar em relação à pandemia, filiando-se a uma ou outra FD que se materializa na charge.

Para a leitura do texto não-verbal, tomamos como base a policromia. Assim, ao lançarmos um gesto interpretativo sobre o segundo quadrinho, percebemos a heterogeneidade no plano imagético, uma vez que a representação do Planeta Terra com máscara é bem recorrente neste contexto da pandemia da Covid-19, mas a personificação do planeta, o olhar cabisbaixo, a fala no balão, a cenografia criada e a formulação de que o planeta está mal por conta do alto índice de adoecimento da humanidade atingida pelo coronavírus atribuem ao texto o *status* de ser autoral.

As cores também significam. O cinza, na composição do mapa que constitui o fundo de um dos olhos do planeta, e seu olhar triste contrasta com o rosto do presidente no quadrinho da esquerda, com o fundo da Bandeira do Brasil, com cores alegres, como o verde e o amarelo se interrelacionado com a expressão de sorriso do presidente.

A figura 2 é a produção verbo-imagética da aluna-autora MS. A praia, um espaço destinado ao ócio, é o contexto social e cultural que compõe a enunciação da aluna-autor sobre os tempos pandêmicos da Covid-19.

Figura 2 – Cartum da aluna-autora MS



Fonte: Acervo da autora (2021)

Nesse texto imagético, produzido pelo sujeito-autora MS, há uma praia no contexto da pandemia da Covid-19. A cena englobante é do “discurso humorístico-crítico” e a cena genérica enquadra-se no “cartum”, gênero instituído⁴ que, dado a sua

⁴ Segundo Maingueneau (2015, p. 126), os gêneros instituídos podem ser categorizados como de modo 1, 2, 3 ou 4, a depender se são mais ou menos “autorias” sem ignorar a sua especificidade. O gênero em análise pode ser classificado como do modo 2 por se tratar de um gênero rotineiro para o qual o enunciador deve elaborar, a cada vez, uma cenografia endógena singular.

própria característica, promove a reflexão, a opinião e satiriza ou critica uma situação social. Nesse caso específico, questões sociais e de uso de espaços públicos no momento da pandemia podem veicular em suportes materiais diversos: jornais/revistas impressos e digitais, redes sociais, dentre outros.

A cenografia exógena constitutiva do cartum tende a conduzir o quadro cênico a se deslocar para um segundo quadro. Em uma leitura rápida, pode-se não perceber os desenhos de coronavírus (na areia e na água), aproximando tal quadro do gênero cartão postal. Uma publicidade de um lugar turístico, um ambiente “limpo”, “calmo”, paisagístico próprio para aproveitar férias, feriado prolongado, etc. Logo, “[...] a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala” (Maingueneau, 2013, p. 97-98).

A aluna-autora vale-se da cenografia “publicidade via cartão postal” - interage com a arquitetônica por meio da qual a enunciação se estrutura na implementação de seu conteúdo para produzir sentidos – e constrói um cartum, no qual critica o fato de as pessoas não respeitarem a medida protocolar de evitar aglomeração “ficar em casa” para evitar a disseminação da Covid-19.

Em consonância com o fato de o vírus SARS-CoV-2 ser invisível, a aluna-autora constrói, imgeticamente, esse sentido. As cinco ocorrências do vírus no cartum são quase imperceptíveis. Em primeiro plano e a partir de uma vista aérea do local, enfatiza-se a beleza natural da praia e o prazer de estar em um local assim: guarda-sóis coloridos, bem próximos uns dos outros e pessoas em meio às ondas da praia, supostamente felizes.

Em um gesto modulante, a aluna-autora, a partir da posição de artista-pintora, afetada pela sensibilidade artística, busca produzir efeito de originalidade por meio da cenografia (beleza de um cartão postal) que organiza a materialidade significativa, inovando-a e deslocando seu sentido para a tragédia expressa por meio do cartum: o fato de um vírus mortal e invisível estar presente em um local bastante bonito e prazeroso.

A aluna-autora formula dizeres que se filiam a uma FD científica, que defende as medidas restritivas de circulação de pessoas em espaços públicos como uma das formas para conter a transmissibilidade da doença. A partir da relação antagônica com a FD que nega a gravidade do vírus e, por conseguinte, rejeita práticas sociais exigidas para minimizar o contágio (como evitar aglomerações e ficar em casa/isolamento físico), a

aluna-autora desqualifica esse posicionamento. E tal movência de sentidos produz um efeito de originalidade ao seu texto.

As figuras 3, 4, 5, 6 e 7, apresentadas a seguir, integram a HQ *Até o planeta sofre*, produzida pela aluna-autora ES. Nesta HQ, a cena englobante tem propriedades que nos permitem caracterizá-la e reconhecê-la como quadrinhos, isto é, seu tipo de discurso é o “Quadrinístico”⁵ já que o seu objetivo maior é possibilitar a percepção crítica dos leitores em defesa de uma maneira de pensar e agir frente a uma questão social.

Figura 3- HQ (Página 1)

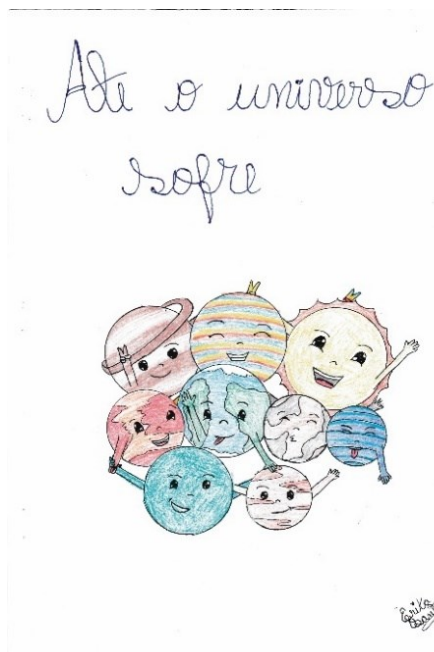


Figura 4 - HQ (Página 2)



Fonte: Arquivo da pesquisadora, (2021)

⁵ De acordo com Costa (2016), a fim de apresentar as muitas possibilidades de uso da linguagem quadrinística, Stefanelli (2012) define os quadrinhos como um sistema de potencialidades com configuração de regras -tecnológicas e sociais – de interseções e percepções que envolvem seus usuários.

Figura 5 - HQ (Página 3)

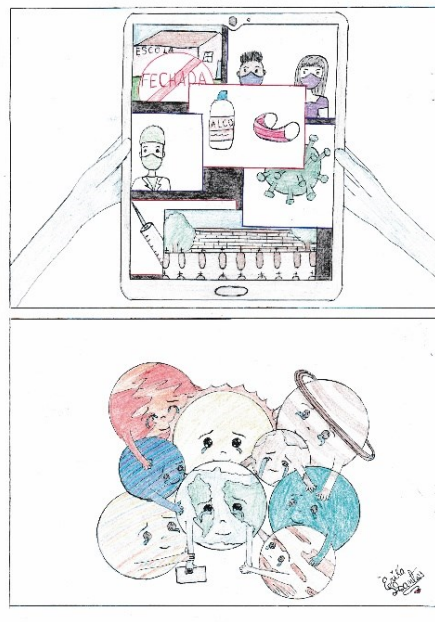


Figura 6 - HQ (Página 4)



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, (2021)

Figura 7- HQ (Página 5)



Fonte: Arquivo da pesquisadora, (2021)

A cena genérica engendra-se dentro do gênero História em Quadrinhos, uma vez que os quadrinhos são determinados e colocados em sequência, sendo esse um critério utilizado para reputar a ilusão de temporalidade, pois se configuram como um elemento visual que mais fortemente caracteriza as HQs, representando uma delimitação bidimensional do espaço infinito do mundo real.

A cenografia construída nessa HQ é de uma conversação, uma narrativa dialogal entre amigos (personificação dos planetas e do sol), acerca do acontecimento da pandemia da Covid-19. O diálogo é organizado de forma a validar a cenografia, pois, a cada quadro, o verbal e o visual se relacionam para dar progressividade à narrativa.

Para analisarmos esta HQ, consideramos o que nos pontua Souza (2001) quanto ao entendimento da imagem como discurso. Assim, atribuímos ao não-verbal sentidos do ponto de vista social e ideológico. Dessa forma, ao analisarmos o primeiro quadrinho⁶ da HQ notamos que os planetas e o sol aparecem com expressões faciais de felicidade, brincam, estão unidos e de mãos dadas. Essa expressão de união materializada na primeira imagem está presente em toda a narrativa, uma vez que os planetas-personagens se filiam à FD do discurso ambiental que defende e cuida da Terra, como podemos ler no décimo quarto quadrinho, quando Netuno pergunta à Terra: “Eles estão te machucando de novo?”

Contudo, no segundo quadrinho, a Terra se separa dos demais, desfazendo-se, visualmente, a união inicial, há uma quebra na regularidade imagética dos quadros anteriores. A Terra aparece no canto inferior esquerdo, olhando para baixo com uma expressão de tristeza. O planeta Marte, embora esteja próximo aos demais, não participa da conversa, pois aparece de costas para os outros planetas e para o sol que, posicionados na lateral direita, estão sorrindo. Marte observa a Terra com um olhar questionador. Por meio da policromia, percebemos a instauração das diferentes vozes que falam no texto, dado que, para compreender o quadrinho, importa o jogo de cores, o plano sinestésico e expressões faciais auxiliar na construção de respostas para o questionamento de Marte “O que a Terra tem?”

A narrativa se desenvolve em um clima de suspense, como podemos perceber nas várias questões feitas pelos planetas à Terra: “O que foi?”, “Por que você está assim?”, “Você tá bem?”. No enunciado “Eu sei que eles me machucaram e me deixaram triste e eu sofri por isso.” (quadrinho 17), o “eu” como sujeito enunciadador constrói textualmente a imagem de si diante das ações dos seres humanos em relação à Terra.

Assim, a heterogeneidade constitutiva está presente nessa HQ. Contudo, em um gesto autoral, a aluna-autora coerentemente dá o efeito-de fecho ao texto, pois, no último

⁶ A partir de Maingueneau (2006a) e Costa (2013), estabelece *ad hoc* uma distinção teórico-metodológica entre quadrinho(s) e Quadrinhos (que se ampara na distinção similar entre literatura(s) e Literatura): o primeiro termo, em minúscula, se refere de maneira genérica aos muitos tipos de textos identificados como quadrinhos, como as charges, as tiras (cômicas e seriadas), os romances gráficos, as minisséries, dentre outros. Já o segundo termo, os Quadrinhos, com “Q” maiúsculo, não se restringe a um gênero ou conjunto de gêneros que emprega essa semiótica particular. Eles estão em um nível maior, que engloba as materializações ditas quadrinistas, os autores por elas responsáveis e as práticas que os permitem existir.

quadrinho, ela une novamente os planetas, mas agora todos estão tristes por conta do que os humanos estão vivenciando em relação ao período pandêmico. Principalmente pelo quadrinho 20, a aluna-autora mostra a filiação de seu dizer a uma FD científica que defende o uso de medidas restritivas e de proteção contra a propagação do coronavírus por meio das imagens de espaços fechados, máscaras, álcool, vacinas como medidas para conter o coronavírus (representado imagetivamente) e para reduzir o número de mortos (imagem do cemitério).

Assim, podemos observar que as características presentes nas materialidades textuais da figura 1 e das figuras 3, 4, 5, 6 e 7 trazem elementos (discurso ambiental, o planeta Terra como personagem, a relação parafrástica do acontecimento discursivo com as questões ambientais, o traço, as cores utilizadas, etc.), que nos permitem atribuí-las à aluna-autora ES, dado que ela articula de forma inédita essas características e o projeto do texto para produzir uma unidade que aponta para uma singularidade.

A seguir, apresentamos a charge produzida pelo aluno-autor NA, na qual a construção de sentidos se dá por meio da representação das dificuldades vivenciadas por famílias de baixa renda no contexto da pandemia da Covid-19

Figura 8 - Charge do aluno-autor (NA)



Fonte: Arquivo da pesquisadora, (2021)

Na figura 8, gênero multimodal charge⁷, produzida pelo aluno-autor (NA) materializa o seu dizer. Assim a cena englobante do discurso satírico/jornalístico é subvertida para um humor político que tende a ser crítico, retratado na charge por meio de uma postura crítica da realidade em relação ao acontecimento que lhe serviu de inspiração.

Assim, para interpretar a charge, é preciso um olhar atento à crítica que esse discurso pretende enunciar, pois, de acordo com o Wikcionário, *chargier* em francês significa ‘atacar’ ou ‘carregar’. Assim, esse gênero tem como função comunicativa criticar situações cotidianas de contextos políticos e sociais, por meio do humor gerado pelos recursos linguísticos-discursivos acionados em sua constituição.

Como se trata de uma charge produzida no contexto da sala de aula, essa não está vinculada a um jornal, por isso, ao analisá-la, inicialmente, identificamos o acontecimento histórico-discursivo que marca a sua produção, o contexto pandêmico da covid-19. Podemos interpretar que as vozes que a compõem dialogam com as vozes sociais de episódios que retratam as condições de famílias de baixa renda em meio à pandemia. Conforme notamos na materialização de elementos verbo-visuais que se complementam para dar sentido ao discurso “doméstico” que caracteriza a cenografia inventada pelo aluno-autor para apresentar seu texto, “[...] porque a cena genérica, por natureza, não exige uma cenografia preferencial” (Maingueneau, 2013, p.119).

Ao visualizarmos a charge, nossos olhos são direcionados para o centro da imagem, uma mesa simples, quadrada, possivelmente de madeira, por conta da cor marrom, sobre ela, tem-se um prato com um ovo, um garfo, um vidro de álcool em gel e a máscara. Há uma exposição dos elementos considerados essências em tempos de pandemia da covid-19 para a manutenção da vida.

O texto verbal corrobora com o visual na produção de sentidos. Assim, quando o filho questiona a mãe “Mamãe, você não vai comer?”, podemos interpretar que nesse enunciado está o não dito, uma preocupação do filho com a alimentação da mãe, isso pode ser percebido ao analisarmos o olhar triste do menino. Assim, formulamos que o aluno-autor mobilizou saberes da memória discursiva, já-ditos, os quais lhe permitiram atribuir

⁷ Segundo Gonçalves (2015, p. 8) a charge contempla, naturalmente, vários efeitos de sentido, como humor, sátira, protesto, mas seu projeto enunciativo, geralmente, visa estabelecer uma crítica, nem sempre aparente, sobre determinados temas sociais.

sentidos à materialidade significativa, pois a falta de alimento pode ser algo recorrente nesse meio familiar.

A mãe, por sua vez, responde: “Não meu filho, a única coisa que tinha era esse ovo.” Subentendendo que esse deverá ser o alimento para o filho, posicionamento enfático materializado no emprego do pronome possessivo “meu” e do advérbio de negação “não”. A expressão facial da mãe transmite tristeza e serenidade que coadunam com a decisão amorosa e consciente da mãe.

Diante do exposto, assinalamos que há, na elaboração dessa materialidade multimodal, o aluno-autor aciona traços do interdiscurso para organizar o texto imagético, recorrendo ao discurso da fome presente no contexto de muitas famílias brasileiras e, frequentemente, midiaticizado pelos diferentes meios de comunicação, contrastado com o discurso científico acerca das medidas de contenção do novo coronavírus. Assim, observamos que, ao tensionar esses dois discursos, o aluno-autor instaura uma nova posição-sujeito resultante desse acontecimento histórico-discursivo, posicionando-se na formação ideológica de reivindicação de garantia de direitos básicos como higiene e alimentação para a manutenção da vida.

Nesse ínterim, entendemos que a charge produzida pelo aluno-autor, embora se distancie de outras características do gênero, como a caricatura e o humor, traz o teor crítico na construção dos sentidos que pretende enunciar. A noção de sentido segundo Pêcheux (2014b [1975]), é decorrente das posições ideológicas que perpassam o processo sócio-histórico. Em outras palavras, o sujeito se constitui a partir do momento em que se inscreve em determinada posição, processo esse necessário para a produção de discurso.

O aluno-autor identifica-se, portanto, com a FD do discurso científico que defende a vida por meio da adoção das barreiras de proteção (máscara, álcool em gel), pois ainda que falte alimento, esse cuidado nos remete a algo concebido como essencial para a mãe.

Quando volvemos nosso olhar analítico para as personagens, notamos que suas vestimentas têm remendos o que indica que esta é uma família de baixa renda, o que é reafirmado pela mesa no centro contendo apenas um gênero alimentício, uma máscara e um vidro de álcool em gel. Logo, a cenografia é construída para reafirmar a classe social da família e a posição ideológica assumida pela mãe, a preservação da saúde e, conseqüentemente, da vida de seu filho. Neste sentido, buscamos realizar uma abordagem discursiva da imagem, o que, segundo Souza (2001, p.74), compreende a atribuição de

sentidos do ponto de vista social e ideológico e, não somente, a descrição de seus elementos visuais.

Um gesto conclusivo com efeito de continuidade

As questões que motivaram essa pesquisa e que nasceram das inquietações emergidas no labor da docência de língua portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental seguem em desassossego ainda no momento em buscamos o efeito de conclusividade. No entanto, essa inquietação nos é mais provocativa do que limitante, uma vez que, diante dos novos dispositivos de comunicação de massa que marcam nossa sociedade atual, estamos constantemente diante de novas textualidades, as quais tem exigido novas leituras e novas formas de produção das discursividade. Diante dessas novas textualidades, é exigido de nós, analistas desse campo, o estudo constante.

Nesse ínterim, chegamos ao efeito de conclusão de que as cenas da enunciação envolvem, também, a tomada de posição pelo(a) aluno(a)-autor(a). O domínio dos mecanismos textuais e discursivos das materialidades produzidas na escola. Assim, nossa pesquisa se constitui como uma proposta para esse fim, pois aborda teorias atuais sobre a temática, possibilitando que professore(a)s e aluno(a)s compreendam a importância do trabalho com as cenas da enunciação, uma vez que um trabalho fundamentado e bem estruturado para a produção dos gêneros discursivos, sejam eles, multimodais ou não, contribuem, a nosso ver, para se evitar o plágio e, inclusive, a identificação de *fake news*, sendo essa uma área que ainda carece de pesquisas.

Em suma, o trabalho com as cenas da enunciação, perspectiva proposta por esta pesquisa possibilita condições práticas para o ensino do eixo produção de texto a partir dos gêneros discursivos multimodais e com outros, possibilitando uma atividade pedagógica que proporciona ao aluno-autor e à aluna-autora a produção textual a partir de suas vivências e dos contextos discursivos em que estão imersos, ou seja, a partir de situações concretas de uso das diferentes linguagens.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 05 agosto de 2020.

COSTA, Lucas Piter Alves. **Uma análise do discurso quadrinístico [manuscrito]:** práticas institucionais e interdiscurso. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2016.

COURTINE, J.J. (1981). **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. Trad. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

GONÇALVES, Tamiris Machado. **Vozes sociais em confronto: sentidos polêmicos construídos discursivamente na produção e recepção de charges.** 2015. Dissertação (mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7160/1/000466609-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: 01 de junho de 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação.** (Orgs) Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso.** Tradução Sírio Possenti. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web?. **Revista da ABRALIN**, v. 15, n. 3, 17 jan. 2017.

ORLANDI, Eni. **Interpretação:** Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. São Paulo: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. Paráfrase e Polissemia: a fluidez dos limites do simbólico. **Rua** (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade). Nº 4. Campinas: Editora Unicamp, 1998, p. 09-19.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto:** formulações e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória.** Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2007. p. 47-57.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b.

SOUZA, T. C. C. de. **Discurso e imagem:** perspectivas de análise do não-verbal", Conferência no 2º Colóquio de Analistas del Discurso, Universidad del Plata, Instituto de Lingüística da la Universidad de Buenos Aires, La Plata e Buenos Aires, 1997b (Publicado em Ciberlegenda 1, Revista Eletrônica do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação, Niterói, UFF, 1998b). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36741/21317>. Acesso em 03 de agosto de 2020.

SOUZA, T. C. C. de. (2015). **A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação**. *RUA*, 7(1), 65-94. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rua.v7i1.8640721>. Acesso em: 03 de agosto 2020.

TAUVERON, C. Des 'Pratiques d'évaluation' aux 'Pratiques de révision': quelle place pour l'écriture littéraire. **Repères**, Lyon, n. 13, p. 191-210, 1996.

Informações dos autores

Maria Angélica Rosa Fagundes Laranjeira Lessa. Professora da Rede Municipal de Santa Maria da Vitória, Bahia. Professora e coordenadora da unidade FISK de Santa Maria da Vitória, Bahia. Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade da Universidade do Estado da Bahia.

Contribuição de autoria: autora.

URL do Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8317710687631093>

Sidnay Fernandes dos Santos. Professora da Universidade do Estado da Bahia, campus VI. Doutora em Linguística (UFSCar)

Contribuição de autoria: autora.

URL do Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2216543407273699>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

LESSA, Maria Angélica Rosa Fagundes Laranjeira; SANTOS, Sidnay Fernandes. A produção multimodal em sala de aula a partir de cenas da enunciação. **Perspectivas e Diálogos**: Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 6, n. 11, 2023, p. 124 - 144.